

## A REPRESENTAÇÃO E A LINGUAGEM COMO ELEMENTOS DE IN-FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL RURAL: POR UMA REFLEXÃO PRELIMINAR

Arlete Mendes da Silva<sup>1</sup>  
Rosselvelt José Santos<sup>2</sup>

### Resumo

Este ensaio representa uma provocação inicial para a tessitura de reflexões acerca do processo construtivo da identidade, sendo ela rural. São categorias importantes nessa análise a *representação* e a *linguagem caipira* que, por meio de códigos e signos, remete ao ‘espaço’ e ‘lugar’ rural. Nosso objetivo é analisar as representações e a linguagem como elementos construtores da *cultura e identidade rural* nos processos de inserções territoriais (re-territorialização) de comunidades tradicionais no interior goiano e mineiro. A proposta é calcada nas perspectivas teórico-metodológicas da Geografia Cultural. Um olhar sobre as comunidades tradicionais do interior goiano e mineiro, no contexto socioprodutivo da cana – de – açúcar darão visibilidade aos signos, às imagens e às representações que estes sujeitos fazem do seu ‘lugar rural’. Existe uma identidade rural sul – goiana e mineira? Em que medida as representações dos sujeitos rurais contribui para formação de uma identidade rural camponesa? A *linguagem caipira* ainda é marca da cultura rural goiana e mineira? Tais questões serão compreendidas à luz da Ciência Geográfica em sua perspectiva cultural.

**Palavras – chave:** Identidade Rural; Representação. Linguagem.

---

<sup>1</sup> Instituto de Geografia – UFU / UEG / SEMED. E-mail: etelra19@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Instituto de Geografia – UFU. E-mail: rosselvelt@ufu.br

## **Introdução**

Este trabalho tem por objetivo principal analisar as representações e a linguagem como elementos construtores e significativos da *cultura e identidade rural* nos processos de inserções territoriais (re-territorialização) das comunidades tradicionais no interior goiano e mineiro. Esta proposta é calcada na perspectiva teórico-metodológica da Geografia Cultural com base humanística com autores clássicos, contemporâneos e expoentes da Geografia, Sociologia e Antropologia.

A partir desse amálgama, pergunta-se: Existe, ainda, o *homem do campo*? É possível identificar o *sujeito rural / rurícola*, ou o caipira, como diria Antonio Cândido (1964)<sup>3</sup>? O que faz o *camponês*, tal qual a junção da palavra *campo* + o sufixo *nês* = **camponês** ser do campo e/ou pertencer ao campo?

Poderíamos responder talvez de forma apressada, que é a *identidade cultural do homem do campo* que o identifica e o qualifica como tal. Entrementes, restaria buscar ‘entender’ essa identidade - identificação enquanto componentes da cultura rural no passado e no presente em ‘tempos pós – modernos’. Isso nos conduz a outra indagação: quais as ‘identificações’ que se manifestam na cultura camponesa? Como podem ser compreendido o imaginário social e as representações das comunidades rurais? Quais elementos naturais e socioculturais permeiam e identificam o ‘ser’ rural?

A linguagem é um elemento cultural que ‘prescreve’ e ‘fala/ expressa’ a identidade rural... Isso é bem verdade! Entretanto, como identificar a ‘linguagem caipira’ como elemento de construção cultural? O fato é que a *linguagem* sugere (e afirma) uma formação cultural e identitária dos grupos sociais. Estes têm na *comunicação* uns dos fundamentos da gênese sociocultural primeira. Para tanto, tem-se na *linguagem caipira* (rural e do campo = *do interior*) um importante instrumento de identificação sociocultural das comunidades tradicionais rurais goianas e mineiras, há muito negligenciadas nos estudos lingüísticos tradicionais.

---

<sup>3</sup> O termo **caipira**, empregado por Antonio Cândido (1964), se refere ao sujeito e/ou homem do campo que tem, em sua lida diária, o trabalho produtivo com a terra e na criação de animais que em seu contexto socioespacial o autor chama de *vida caipira*. Esta representa o conjunto de práticas e/ou estilo de vida que possui valores e elementos que a identificam, como: a solidariedade e as relações de vizinhança – meio termo entre as relações familiares e o povoado – esse como o universo imediato do sujeito e da *vida caipira*. O termo *caipira* adquiriu – com a incorporação dos padrões modernos de produção, consumo e vivência social – uma conotação pejorativa e desinformada que não altera seu *status* como categoria de análise para estudos sobre a vida no meio rural.

O lugar, por seu turno, é entendido enquanto espaço de vivência se destacando como importante substrato físico onde a identidade rural se ‘espacializa’ e reforça sua concretude. Estes pressupostos e questões norteiam as reflexões e conduzem a interpretação do cotidiano do camponês<sup>4</sup> (homem rural e do campo) e de sua identidade num arranjo socioespacial bastante influenciado (ou ainda não?!) pela globalização e homogeneização espacial, social e cultural.

### **A identidade do sujeito rural, social, cultural (e virtual?)**

De início importa-nos refletir sobre o *pertencer e ser do campo*, estado vivenciado em largo pelas comunidades rurais tradicionais. Este ‘*pertencimento*’ que, em maior ou menor escala, contribuiu com a construção identitária deste homem do campo = camponês numa historicidade que explica, semanticamente, a utilização do termo em espaços e temporalidades definidas e identificadas culturalmente. Ademais, *ser e pertencer* ao campo é diferente do que *estar* no campo. São modos verbais que denotam bem essa diferença! O primeiro, no sentido de fazer parte, num *continuum* do cotidiano rural e o segundo numa condição pré-determinada e/ou almejada pela sua finitude (Ex.: trabalhos temporários e/ou intermitentes no campo como época de plantio, colheita, pequenos agricultores sem recursos para ‘tocar’ sua roça, entre outros).

Nesse cenário, muitas vezes, traduz-se as motivações que, não raro, leva os camponeses (do primeiro grupo) a se manterem *sendo e pertencendo* ao campo, mesmo em meio aos revezes e desafios que se descortinam na realidade das comunidades tradicionais rurais. Haja vista o ‘*pertencimento*’ estar intimamente ligado ao ‘*ser*’ e ao ‘*fazer parte de*’ convém-nos aprimorar e esclarecer este sentimento que, neste ensaio, toma forma de identificação e ação do sujeito(s) ou do(s) grupo(s) social(is) que se sente ambientado e integrado ao *lugar*. Este, fazendo parte do ‘seu’ mundo, sentimentos e afeições. É esta dimensão espacial que ampara o ser e o estar do sujeito social rural.

---

<sup>4</sup> Este camponês é entendido aqui como um ator social, um sujeito na/da história. Nesse sentido, tomamos por *atores sociais* o mesmo significado de *sujeitos*, aqueles que, longe de serem somente expectadores, atuam, modificam, expressam e imprimem suas ‘marcas’ no seu tempo e no seu espaço geográfico.

A seu tempo a categoria lugar, importante nas análises geográficas que tratam dos fenômenos socioespaciais de uma localidade - numa perspectiva humanista e cultural, contribui para o entendimento desse processo de pertencimento e identificação do homem com seu espaço – lugar vivido entremeado de elementos culturais. Ora, o lugar é o centro de significância e/ou foco de ação emocional e afetiva do homem, a topofilia<sup>5</sup>, de que trata Yi-Fu Tuan (1983). O lugar é o substrato físico e geográfico de nossa análise.

Isto posto importa-nos ‘amarrar’ a idéia de pertencimento às características identitárias que são manifestas no *ser/estar* do homem do campo, no sujeito rural e rurícola que doravante serão identificados como camponeses<sup>6</sup>. Não obstante, questiona-se: o que é identidade? Como decifrar seus códigos e caracterizar seus tipos? A identidade é gerada internamente, conforme características biológicas e por herança hereditária, ou pode ser construída pelo contexto social e pela história de vida do sujeito?

Em busca de um norte para tal discussão, trataremos a questão da gênese e formação identitária aceitando quatro premissas, alinhadas ao pensamento de alguns estudiosos do assunto:

- Toda e qualquer *identidade é construída* (CASTELLS, 2008);
- Na construção da *identidade* é possível absorver o espectro dual do *essencialismo*<sup>7</sup>: biológico e natural e/ou histórico e cultural (WOODWARD, 2009);
- *A representação* está intimamente ligada à construção de *identidades* (SILVA, 2009);

---

<sup>5</sup> Ou ao contrário disso, tem – se a Topofobia (TUAN, 1983) – aversão, medo, constrangimento em relação ao lugar.

<sup>6</sup> Os **camponeses** possuem uma relação estreita com a terra e com os elementos naturais. O campo e o camponês se concretizam pela ligação íntima do homem com a terra formando o ‘modo de vida’ do camponês dentro do espaço geográfico, numa socialização espacial real para o homem do campo (BRANDÃO, 1995).

<sup>7</sup> Essencialismo = Termo utilizado pelas *políticas identitárias* que legitimam uma ‘identidade’ quando esta evoca raízes naturais, históricas, étnicas, raciais, biológicas, de gênero, de classes, entre outras que celebre as singularidades culturais de um grupo. Para a autora, existem duas versões do *essencialismo identitário*: “a primeira fundamenta a identidade na “verdade” da tradição e nas raízes da história, fazendo um apelo à “realidade” de um passado possivelmente reprimido e obscurecido, no qual a identidade proclamada no presente é revelada como um produto da história. A segunda está relacionada a uma categoria “natural”, fixa, na qual a “verdade” está enraizada na biologia” (WOODWARD, 2008, P. 37)

→ A *identidade* é construída tendo a *diferença* como marca / processo numa relação binária. “... as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela” (HALL, 2009, p. 110).

Desse modo, a *identidade* enquanto definição e utilizando um agrupamento de conceitos numa só idéia é... “a fonte de significado e experiência de um povo”. Enquanto que, para os atores sociais ou sujeitos é...“o processo de construção de significado com base em um atributo cultural (...)”. Desse modo, entende-se que “Identidades, por sua vez, constituem fontes de significados para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação” (CASTELLS, 2008, p. 22 e 23).

A partir dessas considerações, pode-se auferir que a identidade está para o sujeito como o sujeito está para o conjunto de significados que forma e alimenta sua identidade. Sem a pretensão de exaurir o tema e cientes da imensa gama de estudos e variáveis que adornam a questão da identidade e seus significados, tomamos por empréstimo, no momento, a definição de Castells (op. Cit. p. 23) que bem coloca o que significa o termo ‘significado’... “ Defino *significado* como a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator”. Para ele, tanto a identidade individual como a coletiva são construídas a partir de *conteúdos simbólicos que são identificados, significados e percebidos pelos atores sociais*.

É recorrente a relação identidade – identificação entre os autores que tratam do tema. São termos que não se excluem, se complementam no sentido de que o segundo explica o primeiro dando-lhe especificidade. Ou seja, a identificação atribui *qualidade* à identidade. Discorrendo sobre uma possível e necessária ‘teoria da prática discursiva’, Hall faz uma análise da *identificação* equivalente à *identidade* quando se objetiva enfatizar o processo de subjetivação do sujeito. Em suas palavras:

(...) a abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre ‘em processo’. Ela não é, nunca, completamente determinada – no sentido de que, se pode sempre, “ganhá-la” ou “perdê-la”; no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada. [...] A identificação é, ao fim e ao cabo, condicional; ela está, ao fim e ao cabo, alojada na contingência.

[...] A identificação é, pois, um processo de articulação, uma saturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. [...] Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao “jogo” da *différance* (HALL, 2009, p. 106).

Nestes termos, pergunta-se: quais as ‘identificações’ que se manifestam na cultura camponesa? Que elementos são identificados pelo camponês em sua construção identitária? Quais são suas representações, sonhos e desejos? O que permeia seu imaginário além das relações simbióticas com os elementos socioculturais e naturais do seu lugar e espaço de vivência? São questões que nos conduzem a uma descrição, identificação e interpretação do cotidiano do camponês<sup>8</sup> e de sua identidade, muitas vezes absorvidos/influenciados pelos efeitos da globalização e de seus mecanismos perversos de homogeneização.

Kathryn Woodward, em seu artigo *Identity and difference: a conceptual introduction* (2009), explica que a globalização faz interagir fatores econômicos e culturais que mudam formas e padrões de produção e consumo conduzindo a novas identidades globalizadas com diferentes resultados. E ainda pondera:

A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade (WOODWARD, 2009, p. 21)

Em consonância a essas ‘novas posições de identidade’ percebe-se na globalização vigente as ‘identidades formadas no contexto das sociedades em rede’ (CASTELLS, 2008) que tenta forjar uma unicidade a-espacial (e a-histórica, muitas vezes) sem que o lugar infrinja, necessariamente, nessa possibilidade. Ademais, “isso ocorre porque a sociedade em rede está fundamentada na disjunção sistêmica entre o local e o global para a maioria dos indivíduos e grupos sociais” (Op.Cit. 2008, p. 27). Ao contrário, corroboramos com a ideia do autor quando afirma que a identidade é o “processo de *construção de significado* com base em um *atributo cultural*, ou ainda um

---

<sup>8</sup> Este camponês é entendido aqui como um ator social, um sujeito na/da história. Nesse sentido, tomamos por *atores sociais* o mesmo significado de *sujeitos*, aqueles que, longe de serem somente expectadores, atuam, modificam, expressam e imprimem suas ‘marcas’ no seu tempo e no seu espaço geográfico.

conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado” (*Grifo nosso*, 2008, p. 22).

Não se pode construir uma identidade externa à história do homem, do sujeito. O indivíduo constrói sua identidade embebida de significados, não por menos, dá-se importância à construção da *identidade individual*<sup>9</sup> sem perder de vista os referências construtivos das ‘identidades coletivas’. Estas, marcadas por fortes conteúdos simbólicos, necessitam de uma internalização / identificação dos sujeitos, dos grupos sociais e das sociedades. São eles que darão *vida* a essa identidade por meio de elementos históricos que os identificam.

Desse modo, pode-se afirmar que existem duas dimensões da identidade: a pessoal e a social<sup>10</sup>. Interligadas e conectadas, mas com diferentes níveis de realização. Isto, sem deixar de lado o imbricado ‘jogo’ de poder (e de interesses) inerente a essas formações coletivas de identidades que vão ‘sugerir’ (impor com certa suavidade, ou não (!)) os conteúdos simbólicos e os significados dessa construção identitária de forma coletiva (CASTELLS, 2008; HALL E SILVA 2009, entre outros).

### **A ‘linguagem’ enquanto formação e resistência identitária**

Já fora dito que a *linguagem é um elemento cultural que ‘prescreve’ e que ‘fala / expressa’ a identidade, sendo ela rural...* Por conseguinte, pergunta-se: O que é linguagem? *É o conjunto das palavras e expressões usadas por um povo, por uma nação. Modo de expressão escrita ou verbal de determinado local. E mais, ainda, sistema de signos que permite a comunicação entre os indivíduos de uma comunidade lingüística.*

Essas informações são facilmente encontradas nos dicionários e livros com conteúdos gramaticais, com extensas explicações e uma variedade de exemplos. Para este estudo e fazendo alusão ao texto acima, a *linguagem* é remetida a um contexto mais denso, experiencial, cultural. *É a linguagem como sinônimo de linguajar*, modo especial de se comunicar no interior de um grupo, comunidade ou sociedade, no caso rural tem-

---

<sup>9</sup> Identidade Individual porque é construída pelo próprio sujeito. Equivale dizer que as identidades, mais que os papéis sociais que o sujeito exerce no seio de uma comunidade, são fontes mais importantes de significado por causa do processo de autoconstrução e individuação que envolve (CASTELLS, 2008).

<sup>10</sup> Para E. Goffman (1963, p. 105/06 APUD OLIVEIRA, 2003, p. 119) “A identidade social e a identidade pessoal são parte, em primeiro lugar, dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão”.

## **A representação e a linguagem como elementos de in-formação da identidade cultural rural: por uma reflexão preliminar**

Arlete Mendes da Silva; Rosselvelt José Santos

-----

se o ‘dialeto rural’. Estes são signos (sinais diacríticos) revestidos de significados, que na fala são codificados, identificados e compreendidos no contexto de um grupo social e por outras pessoas que detém o conhecimento desse linguajar (maneira de falar / modo de comunicação).

Conhecida e identificada como *linguagem caipira* (rural, do campo e do interior) também se estabelece como forma de comunicação e de ‘identidade cultural’ que tem ficado de fora do ensino da língua portuguesa nos currículos regulares. Ao invés de marcá-la como elemento importante da identidade cultural rural e valioso patrimônio da cultura regional, ela tem sido colocada em um plano de subjugação lingüística e preterida pelo uso corrente e oficial da língua culta. Ou, ainda, até mesmo tida como uma forma de comunicação arcaica, depreciada e rejeitada em prol da absorção de uma linguagem urbana, televisiva, cibernética e midiática. E ainda, em detrimento desse linguajar ‘de raiz’, o que se vê é a promoção de línguas estrangeiras, distante dos nossos costumes e cultura, externa às nossas raízes, principalmente pelos jovens, em sua maioria dos médios e grandes centros urbanos. Nesse contexto de apreensão e aceite de outro idioma ‘percorrendo’ nossas imagens e paisagens urbanas, detendo (territorializando) todos os tipos de signos de informação - via comunicação visual, oral, escrita, simbólica e de *marketing* com elevado apelo mercadológico, torna-se corriqueiro nas fachadas das lojas, restaurantes, locais de lazer, condomínios residenciais, na fina gastronomia dos restaurantes chegando até nos nomes que são dados aos recém – nascidos, muitas vezes homenageando artistas estrangeiros. Próximo a um desabafo, não seria isso uma forma de valorização cultural externa promovida pelo capital e pelos meios de comunicação do presente? Por que a ‘cultura do outro’ (alhores, de outro país) é mais privilegiada em detrimento da cultura local de nossos pares? Qual a influência desses elementos na de - formação cultural dos jovens nessa chamada ‘pós – modernidade’? Porventura não seria a negação da história e da identidade das quais somos todos descendentes e partícipes de sua construção?

É há muito sabido que a economia de mercado, a indústria de consumo e as novas tecnologias criaram novas necessidades, também para o homem do campo. Algumas dessas necessidades foram facultativas, podendo o camponês adaptar-se ou não; outras foram imperativas, não deixando possibilidades para escolha, o que alterou fortemente sua cultura e seu modo de vida. A *linguagem*, peculiar entre os vários

## **A representação e a linguagem como elementos de in-formação da identidade cultural rural: por uma reflexão preliminar**

Arlete Mendes da Silva; Rosselvelt José Santos

-----

elementos da cultura camponesa tem sido, sem dúvida, uma forte demonstração dessas mudanças. Woodward (2009, p.55) lembra que “nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a *linguagem* e a *cultura* dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade” (grifo nosso). E, ainda, “dizer, por sua vez, que identidade e diferença são o resultado de atos de criação lingüística significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem, como assinala Silva (2009 p. 76 e 77).

Por outro lado os signos, no aspecto gráfico e fonético, nada representam se não estiverem inseridos em um *sistema de signos* que lhe dê identificação e significado (razão de ser). A linguagem é esse conjunto simbólico de conteúdo cultural que tem embutido nas identidades o valor dos sentidos, das informações, da fala, da comunicação, da história traduzida num elo de conformação simbólica de um grupo marcado no tempo e no espaço.

Os processos formadores da linguagem e das identidades se dão nos conflituosos ‘ajustes sociais’ em meio a perdas e ganhos. (...)” a linguagem é um fato social cuja existência funda-se nas necessidades de comunicação, mas não é só comunicação, ela é um modo de produção social. E assim é, “os sujeitos da linguagem não são abstratos de idéias, mas estão envolvidos no social que os envolve, de onde deriva a contradição que os define” (ORLANDI, 2001 p. 150, citado por CINTRA, E.M.D., 2008, p. 112).

Faz-se necessário explicar que nossa preocupação advém do fato de que um elemento tão fundamental e essencial em nossa formação histórica e cultural passe despercebido e seja esquecido, sem chance de conhecimento para a geração futura. Ademais, longe de ser uma forma ‘errada’ do camponês (ou caipira) fazer uso das palavras, é uma linguagem – dialeto. O filólogo Amadeu Amaral muito se dedicou aos estudos da cultura caipira (camponesa) e afirma que é um ‘dialeto’ formado a partir de heranças indígenas, das línguas colonizadoras, das criações sociais e do português do séc. XV e XVI são “cientificamente” oficiais e legais. Segundo esse autor:

Lendo-se certos documentos vernáculos dos fins do século XV e de princípios e meados do século XVI, fica-se impressionado pelo ar de semelhança da respectiva linguagem com a dos nossos roceiros e com a linguagem tradicional dos paulistas de

‘boa família’ que não é senão o mesmo dialeto um pouco mais polido (AMARAL, 1976 [1920], p. 55/6).

A linguagem (ou dialeto) caipira ainda sobrevive entre os moradores da zona rural de algumas regiões do Brasil (inclusive no interior goiano e mineiro) e entre seus descendentes nas áreas urbanas. É um tipo de linguagem considerada como sendo de “resistência” das populações e comunidades rurais. Ela “tem resistido” e continua sendo falada mesmo em meio ao capitalismo moderno e a intensa tecnificação de processos produtivos e alta tecnologia em comunicação e informação, já mostrando evidente diminuição e fortes sintomas de fraqueza e declínio.

Sabe-se que as línguas são mais bem estudadas se forem relacionadas com as formas de vida, trabalho e relações sociais dos seus falantes, explicação dada por Martins (2007) quando argumenta que as formas de vida e de trabalho e as relações sociais entre os moradores das zonas rurais construíram o *dialeto caipira*<sup>11</sup> como seu veículo de expressão, comunicação e significação. O dialeto caipira expressa uma forma de sociabilidade que tem na linguagem oral e na informalidade o meio para a conciliação de diferenças, resolução dos conflitos do cotidiano e a manutenção dos vínculos comunitários, necessários para a reprodução da vida material e espiritual do grupo em um meio rural marginalizado, oprimido e esquecido pelo “capital moderno”. Sendo assim não é possível estabelecer uma fronteira que separe a fala do idioma da vida econômica e da relação do grupo falante com a natureza.

### **As representações no/do espaço rural vivido**

“O mundo é minha representação!” com esta frase Gil Filho inicia seu artigo “Geografia Cultural: estrutura e primado das representações” no qual discorre sobre o mundo das representações com enfoque no espaço e na paisagem como representações. O autor destaca que o mundo só existe pela própria representação e percepção humana. “A representação é uma forma de conhecimento. (...) Mesmo que o tempo e espaço gerem determinadas formas de representação, é na dualidade sujeito – objeto que reside o denominador comum que pode conceber toda forma de representação” (GIL FILHO,

---

<sup>11</sup> Sobre o dialeto caipira ver carta do professor José de Souza Martins, estudioso de cultura popular e sociólogo, respondendo a um leitor em: <http://www.sosaci.rog/balaio2.htm>.

1999). É interessante notar que é na *linguagem e nas manifestações lingüísticas* que se dá a representação como forma de significação.

Por definição, criada e interpretada à luz de um ‘discurso’, a representação pode ser entendida como a compreensão daquilo que é construído pela nossa percepção primeira através dos sentidos e depois pelos processos cognitivos de formulação das matrizes do conhecimento e seus modelos explicativos. Há uma imensa carga de subjetividade na construção e na interpretação das imagens representativas da realidade, tanto de forma individual e/ou coletiva. Ainda, no contexto das análises de Gil Filho outra possibilidade de conceituação bastante didática sugere que a representação é a realidade objetiva representada pela subjetividade humana.

Moscovici ([1989] GIL FILHO, 2003, p. 54) faz uma interessante constatação: “a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não – familiar, ou a própria não – familiaridade”. Isso nos remete a ponderar que, realmente, o ‘novo’ sempre traz inquietação, o desconhecido provoca desconforto e insegurança, daí a busca pela representação para tornar mais próximo e ‘conhecido’ o insurgente e o inesperado. Mesmo em relação ao desconhecido, ainda conforme o autor tem-se, então, a objetivação, processo pelo qual transformamos a ideia, o termo, a palavra em imagem, logo, a materialização da ‘coisa’.

As representações remetem à consciência coletiva, que explica o que é de interesse imediato e acessível a qualquer um. Então, seria a realidade prática, apreendida através da apropriação comum da linguagem e de sua veiculação de idéias o ponto de convergência na objetivação humana. Sendo que ” o espaço de representação é um espaço vivo com ligações culturais, *locus* da ação e das situações vivenciadas (GIL FILHO, 2003 p. 01)

Então, partindo do pressuposto que existem as “representações individuais e representações coletivas” conforme Durkheim (1970 / GIL FILHO, 1999), sendo a primeira uma experiência individual sensorial (das sensações e dos sentidos) e a segunda permeada pelas ações e reações de troca entre ‘as consciências elementares’ que compõem a sociedade. Para ele, as representações são a trama da vida social. Daí, pensarmos que as ideias, as representações sempre ‘carregam’ a bagagem da história e dos modos de vida no meio social e coletivo.

São essas ‘informações’ representadas no meio social ao qual pertencemos que nos dá suporte para ‘definir’ e ‘conceituar’ os fenômenos que ocorrem à nossa volta, em nosso mundo ou *no lugar rural experienciado, percebido e vivido!*

### **Considerações Finais**

Anne Buttimer, em seu ensaio “Aprendendo o dinamismo do mundo vivido” ressalta a importância do lugar – categoria importante da Geografia cultural e humanística – dotado de uma expressão existencial e coletiva, o lugar – somatório das dimensões simbólicas, emocionais, políticas, culturais e biológicas” ([1985]MELLO, 2005, p. 37). Isso nos leva ao mundo vivido e percebido do camponês, seu ‘lugar’ por excelência.

As representações que ali são elaboradas e identificadas por signos naturais, sociais e culturais caracterizam os elementos dando-lhes objetividade e significação. O tempo lento, as fases da lua, as estações do ano, as conversas ao ‘pé do fogão à lenha’, as crendices, os causos e as superstições passados de pai para filho, a lida na roça, o tempo do plantio, o tempo da colheita, a linguagem caipira... são elementos significados e significantes do viver no campo e do lugar rural, dada as representações concretizadas na experiência vivida no cotidiano do lugar. Essas representações que o sujeito rural faz de seu espaço vivido e do seu lugar são pistas importantes para uma análise sociocultural e fenomenológica do sujeito em seu **espaço de vivência**.

Sob o prisma da Geografia Cultural a metodologia é focada na observação, “no ouvir” e “no contar” das coisas do lugar, na identificação de elementos culturais, na descrição dos signos, na análise e interpretação de como as formas de linguagem, religião, artes, crenças, economia, governo, trabalho e outros fenômenos culturais variam ou permanecem constantes de um lugar para outro e na explicação de como os atores sociais ‘usam e atuam’ neste espaço vivido. Como ferramenta auxiliar nessa busca por entender o espaço – lugar rural, tem-se na Geografia cultural o amparo da Fenomenologia sob influência Husserl e Merleau-Ponty. São autores que abriram caminho para estudos culturais e da percepção contribuindo com as análises geográficas. Dá-se importância, nesse bojo teórico, a construção subjetiva da noção de espaço perceptivo, (re) construção de conceitos como horizonte geográfico, (percepção do) espaço e lugar, sociabilidades, imaginário, linguagem, significados, entre outros.

**A representação e a linguagem como elementos de in-formação da identidade cultural rural: por uma reflexão preliminar**

Arlete Mendes da Silva; Rosselvelt José Santos

-----

Daí nosso interesse no tema que balizou essa breve reflexão a fim de arregimentar condições teóricas e metodológicas para contribuir com os estudos culturais no que tange às comunidades tradicionais do campo e suas construções identitárias e representativas do lugar – espaço vivido.

**Referências**

AMARAL, Amadeu. **Dialeto Caipira**. Ed. Hucite, São Paulo, 1976.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Do sertão à cidade: os territórios da vida e do imaginário do camponês tradicional** in: MESQUITA, Zilá e BRANDÃO, c. R. (Orgs.) **Territórios do Cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências**. Porto Alegre, 1995.

CÂNDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. Olympio. Rio de Janeiro, 1964.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Paz e Terra. 6ª ed. São Paulo, 2008.

CINTRA, Ema Marta Dunck. **Vozes silenciadas: um estudo sociolinguístico dos chiquitano do Brasil** in: SILVA, Joana A. Fernandes (Org.) **Estudos sobre os Chiquitanos no Brasil e na Bolívia**:

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço de representação: uma categoria chave para a análise cultural em Geografia**. Artigo enviado pelo autor para a revista on line ‘o espaço geográfico em análise’ acessado em 10/08/2010 – Revista NEER, 2010.

---

**Espaço de Representação e Territorialidade do Sagrado: notas para uma teoria do fato religioso**. Revista: O espaço Geográfico em Análise. V. 3 n. 3. Curitiba, 1999.

---

**Geografia Cultural: Estrutura e primado das representações**. RA’E GA – O espaço Geográfico em Análise. V7. Curitiba, 2003

HALL,STUART. **A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS – MODERNIDADE**. Dp&a EDITORA – 11ªED. Rio de Janeiro, 2006.

---

**Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença**. Editora Vozes – 6ª ed. Rio de Janeiro, 2009.

MARTINS, José de Souza. **O dialeto caipira: expressão não regulamentada e resistência**. Linguas brasileiras in: <http://www.sosaci.rog/balaio2.htm> acessado em 20/07/2010.

**A representação e a linguagem como elementos de in-formação da identidade cultural rural: por uma reflexão preliminar**

Arlete Mendes da Silva; Rosselvelt José Santos

-----

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade étnica, identificação e manipulação.** In: Sociedade e Cultura. Revista de Pesquisas e Debates em Ciências Sociais. V. 6. N. 2, Goiânia, 2003.

SANTOS, Rosselvelt José. **A dimensão cultural das paisagens rurais do cerrado mineiro** in: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTTS, Alecssandro J. P. (Orgs.) Leituras Culturais. Ed. Alternativa. Goiânia, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e Diferença. Editora Vozes – 6ª ed. Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Joana A. Fernandes. **Identidades e conflitos na fronteira: poderes locais e os chiquitanos** in: SILVA, Joana A. Fernandes (Org.) Estudos sobre os Chiquitanos no Brasil e na Bolívia: história, língua, cultura e territorialidade. UCG, Goiânia, 2008.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual** in: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e Diferença. Editora Vozes – 6ª ed. Rio de Janeiro, 2009.

TUAN, Yu-Fu. **Espaço e Lugar.** Difel. São Paulo, 1983.